

Os desafios da cultura moderno-contemporânea

Abordagem teológico-pastoral na ótica da formação presbiteral

Vítor Galdino Feller

Introdução

Esta exposição pretende abordar o modo como a modernidade vem sendo considerada na formação presbiteral e como poderia sê-lo de modo mais abrangente. Trata-se de perceber e analisar o espaço que se dá ou não à cultura da modernidade na formação teológico-pastoral do futuro presbítero. Ao falar-se da formação presbiteral no mundo de hoje, nem sempre fica clara a proposição inversa, isto é, a cultura do mundo de hoje na formação presbiteral.

O último Sínodo dos Bispos (1990), bem como, na sua esteira, a Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis* (PDV), trataram justamente do modo como se dá e se deveria dar a formação presbiteral na Igreja e no mundo de hoje. Por sua parte, também a Organização dos Seminários e Institutos do Brasil (OSIB) vem, nestes dois últimos anos, refletindo sobre a formação presbiteral no mundo da modernidade. Dois cursos por ela promovidos, em Lagoa Seca (PB) e em Florianópolis (SC), serviram de preparação para a VIII Assembléia Nacional, em julho deste ano, exatamente sobre o tema em pauta. Formadores de todo o Brasil põem, assim, diante de si o desafio da modernidade.

Este trabalho intenta uma contribuição a essa caminhada. Mas levanta-se aqui a pergunta inversa: *como a modernidade se faz presente, como poderia fazer-se mais presente no processo da formação presbiteral?* Pretende com isso

dar mais concretude ao tema. Com referência mais clara à formação nos seminários maiores, primeiro perguntaremos sobre os desafios que a modernidade — vista desde o Terceiro Mundo — põe à formação teológica e pastoral dos futuros presbíteros. Em seguida, abordaremos a questão do modo como são tratados, nos nossos seminários, os valores e contravalores da modernidade. Serão sugeridas algumas perspectivas e atuações a serem levadas em conta pelos agentes (formadores e formandos) da formação presbiteral. Tudo isso, tendo em vista sua inserção mais plena no mundo da modernidade, enquanto lugar da atual encarnação do Evangelho e da inculturação da Igreja. Este trabalho também pretende oferecer subsídios, tanto para a compreensão quanto para a transformação da realidade do mundo moderno.

1. Os desafios da modernidade à formação teológica e pastoral dos futuros presbíteros

Antes de mais nada, é preciso entender que a modernidade é um dado da realidade. Ela está aí, a exigir de nós alguma atitude. Ela nos põe desafios. Aqui se trata de considerar os que ela põe à formação presbiteral, sobretudo no estudo da teologia e da preparação para a ação pastoral. Servindo-nos das contribuições de Tracy, Comblin e Júlio de Santa Ana, de reflexões feitas por assessores da CNBB e da CNC¹, e das indicações da Exortação Apostólica de João Paulo II, poderíamos citar, entre outros, os desafios a serem agora explicados.

1. O conhecimento das diversas atitudes possíveis

Antes de fazer uma opção diante da modernidade, é necessário conhecer as diversas atitudes possíveis frente ao fenômeno que traz consigo esperanças, mas também obstáculos ao Evangelho (cf. PDV 6-7). Apresentamos inicialmente algumas atitudes que não poderiam ser assumidas na formação, sem perda da força profético-evangélica. É necessário contudo conhecê-las, até mesmo como condição para o diálogo com todos. Estas atitudes ligam-se à maneira de ver a modernidade *desde o Primeiro Mundo*, o lugar onde ela surgiu. Vê-se, em ótica diacrônica, seu processo histórico, os progressos obtidos, os seus avanços, os problemas que acarretou à Igreja. Desde o Primeiro Mundo (não só geográfico, mas sobretudo cultural), poder-se-á reagir à modernidade de diversos modos:

¹ Cf. D. TRACY, "Dar nome ao presente", *Conc(Br)* nº 227 (1990) 65-87. J. COMBLIN, "O cristianismo e o desafio da modernidade", em A. A. da SILVA: *América Latina: 500 anos de evangelização. Reflexões teológico-pastorais*, São Paulo, Paulinas, s/d, 205-274. J. de SANTA ANA, "Teologia e modernidade", *ib.*, 174-204. CNBB, *Sociedade brasileira e desafios pastorais. Preparação das diretrizes gerais da ação pastoral 1991-1994*, São Paulo: Paulinas, 1990. CNBB, *Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil. 1991-1994 (Doc. CNBB nº 45)*, Paulinas: São Paulo, 1991. CNBB-CNC, *Os desafios da evangelização para o presbítero hoje. Instrumento preparatório [para o IV Encontro Nacional de Presbíteros]*. Mimeo.

a) O primeiro deles parte de uma perspectiva negativa, com uma consequente atitude de *antimodernidade*, que vai do neoconservadorismo ao tradicionalismo reacionário. Em ambos os casos se prefere evitar ou mascarar os conflitos-problemas surgidos entre nós, que somos periféricos e não centrais, destinatários e não agentes da modernidade. Qual a presença e posição da Igreja diante da divisão entre as classes sociais? Qual a resposta da Igreja à idolatria consumista, mais perigosa que o ateísmo? Qual a recepção que a Igreja faz em si mesma dos valores democráticos próprios da modernidade? Qual a resposta da Igreja ao capitalismo selvagem e mortífero que assola os países do Terceiro Mundo?²

A resposta será sempre otimista, a de quem tem um trunfo nas mãos: a religião não desapareceu, pelo contrário, voltou com força. Vão por esse caminho os que acham que a modernidade e seus problemas são um acidente de percurso. Bastaria apelar para a maioria silenciosa, com sua reserva de valores tradicionais, para restabelecer uma situação mais saudável, ou corrigir desvios de rota. Assim agem os antimodernos, que podem ser caracterizados em duas categorias: os fundamentalistas (católicos como Lefèbvre, islâmicos como Khomeini, pentecostais como a Igreja eletrônica e certas denominações protestantes mais populares dos Estados Unidos e da América Latina) e os neoconservadores (o ressurgimento da tradição em teologias católicas e protestantes, os novos Movimentos de classe média, os setores mais conservadores da hierarquia da Igreja católica). Tratam, de modo embora diferenciado, de recuperar o peso institucional da Igreja, seus privilégios diante do Estado. Têm preocupações prevalentemente religiosas, evitam questões sócio-políticas. Ainda que contenham valores a se levar em conta numa atitude evangélica diante da modernidade, pecam por caírem num eclesiocentrismo que se fecha aos valores da modernidade, anunciando a religião como a que tem a resposta para todos os problemas, temendo o confronto com o diferente, ignorando o quanto de aprendizagem se ganha nesse diálogo. No caso dos que moram no Terceiro Mundo, mas pensam a partir do Norte, não entram em seus questionamentos, ao menos não de modo central, os frutos perversos da modernidade nos campos social, político e econômico³. Passará por aqui a formação dos futuros presbíteros? O que aprender desses movimentos?

b) O segundo modo de reagir, desde o Primeiro Mundo, à modernidade é o desmascaramento das ilusões da modernidade, o anúncio da morte do sujeito: a *pós-modernidade*. Críticos vorazes da modernidade, os pós-modernos anunciam seu fim, buscando uma maneira de viver que passaria pela contínua rejeição de todo *status quo* em favor do *fluxos quo*. Dentre eles temos tanto os filósofos neonietzscheanos do nihilismo, como os místicos de todo o tipo (holistas, ocultistas, esotéricos, etc.), os dissidentes de toda ideologia, os artistas da vanguarda. Correm o risco da acentuação exacerbada do individualismo egoísta, do culto do corpo, da busca desenfreada do prazer.

² Cf. COMBLIN: "O cristianismo e o desafio...", 252-257.

³ Cf. COMBLIN, "O cristianismo e o desafio...", 264; TRACY, *Conc(Br)* 1990, 75-79.

Entre eles, contudo, poderiam se situar, como postuladores de algo novo, os filósofos da alteridade (Levinas, por ex.), os recuperadores da mística cristã (do Pseudo-Dionísio, de Eriúgena, de Eckhart), o movimento feminista, os movimentos dos novos sujeitos históricos e — por que não? — os pobres e os com eles solidários⁴. Passará por aqui a atual formação presbiteral? O que aprender desses movimentos?

c) O terceiro modo de reagir à modernidade, desde o Primeiro Mundo, é o da *aceitação crítica da modernidade*. Aqui se encontram os modernos de todo tipo: liberal-reformistas, mais ou menos ligados ao capitalismo; marxistas críticos da cultura política tecno-econômica do Ocidente; positivistas; críticos do cientificismo positivista; críticos totalizantes da sociedade moderna; teólogos da modernidade que respondem às grandes questões humanas (finitude, culpa, angústia, sofrimento, morte, etc.)..., todos eles herdeiros do(s) Iluminismo(s) da subjetividade kantiana e da historicidade hegel-marxiana. Pelo peso dessa herança, não conseguem responder aos desafios últimos da modernidade: Qual o lugar da religião e da arte? Como superar o consumismo, o individualismo possessivo e o hedonismo? Qual esperança para o futuro? Que resistência oferecer diante dos males da modernidade?⁵ Dão grande contribuição teórica para a compreensão da sociedade atual. Sem eles, nosso mundo não seria o que é, com seus valores e contravalores. São grandes no seu mundo, que é outro. Mas, na sua grandeza, não se preocupam, quase que em nada, com os problemas dos povos do Terceiro Mundo. Passará por aqui a atual formação presbiteral? Como usar esses movimentos e o que aprender deles na formação dos futuros presbíteros?

2. A escolha do lugar social: o Terceiro Mundo

A modernidade precisa ser vista a partir do lugar social onde nos encontramos. Aqui, os benefícios da modernidade servem ao progresso dos privilegiados e passam ao lado das massas. Duas *atitudes não evangélicas* serão aqui possíveis: o *ufanismo utópico* de quem imagina que os problemas logo se resolverão e o Brasil atingirá seu grau de desenvolvimento, e o desespero ou resignação de quem acha que dependência e marginalidade são a nossa sina. Em ambos os casos há a omissão de opções e de promoção de transformações significativas. Outra é a *atitude dos revolucionários* ligados ao marxismo, que se encontra dividida entre o maoísmo (ruptura com a modernidade ocidental e retorno às tradições populares, com o risco de continuar na miséria) e o revisionismo russo (recuperação da modernidade, com o risco da absorção de seus males). Em qualquer caso, salvo raras exceções, a atitude revolucionária não é a que parece contar com solidez histórica. A queda do socialismo autoritário dos países do Leste europeu pôs em descrédito toda pretensão revolucionária inspirada no marxismo.

⁴ Cf. TRACY, *Concl(Br)* 1990, 79-82.

⁵ Cf. TRACY, *Concl(Br)* 1990, 70-74.

A *atitude dos cristãos* do Terceiro Mundo também não é homogênea. Há os que contam com a recuperação da religiosidade popular e sua força para promover e sustentar movimentos revolucionários fortes capazes de enfrentar a modernidade, assumindo seus valores e evitando seus desvalores. Outros julgam que a religiosidade popular é tão decadente e degradada que levará a novas superstições e novas religiões, constituindo-se numa subcultura dos pobres. Muitos, na esteira do Vaticano II, propalam a aceitação da modernidade, passando a preocupar-se com a modernização das estruturas da Igreja, a participação e formação dos leigos, a busca da compreensão da fé segundo o novo modo de pensar e agir ditado pelo mundo de hoje. Outros, na esteira da Teologia da Libertação, aceitam a modernidade com o espírito crítico provindo da experiência das CEBs, da opção pelos pobres, da pastoral e evangelização libertadoras, da luta pela justiça social, das contribuições da análise marxista. Como levar em conta toda esta gama de atitudes na formação presbiteral?

Qualquer que seja a resposta a estas perguntas, deve ficar clara na formação teológica e pastoral dos futuros presbíteros a opção pela *aceitação do desafio da modernidade, do mundo moderno tal como é, e tal como está presente no Terceiro Mundo*. É preciso levar em conta que, se progressos a modernidade trouxe para os povos do Terceiro Mundo, também acarretou muitos problemas, fazendo de nós o contingente que sofreu e sofre para pagar o preço pelo desenvolvimento sócio-econômico do Primeiro Mundo. A modernidade tem faces e máscaras. Por trás da face econômica da produção de bens, da face social da igualdade dos indivíduos, da face política da democracia e da face cultural da compreensão científica e da ação tecnológica no mundo, é preciso enxergar as máscaras. São as que se fazem mais presentes em nosso meio: a máscara econômica do capitalismo selvagem, a máscara social do formalismo burguês, a máscara política da ditadura (militar ou empresarial), a máscara cultural dos ideologismos⁶. Por isso, a aceitação da modernidade deverá submeter-se a *alguns critérios*: a opção pelos pobres, o empenho pela justiça social, a luta pela transformação da realidade, a inserção nos movimentos que lutam por maior igualdade de participação entre o Norte e o Sul nos bens da modernidade, o estudo dos fautores da modernidade, o reconhecimento da autonomia das realidades terrestres, a importância do processo participativo na formação.

Para situar-se no mundo da modernidade e na esteira de uma pastoral moderna, formadores e formandos deverão atender às diretrizes que a CNBB definiu como balizas da ação pastoral da Igreja no Brasil. Tendo diante de si o mundo moderno, tanto nas suas faces positivas como em suas máscaras, hão de levar em conta na formação pastoral a valorização da pessoa e da experiência subjetiva, o acento na vivência comunitária e na diversificação das formas de expressão eclesial, a necessidade de uma presença mais significativa da Igreja na sociedade⁷.

⁶ Cf. L. C. SUSIN, "Modernidade: a face e a máscara", *Cadernos da ESTEF* 7 (1991) 33-43.

⁷ Cf. CNBB, *Diretrizes...* (Doc. CNBB nº 45), nº 169-254; CNBB-CNC, *Os desafios...*, nº 54-110.

3. A percepção dos efeitos nocivos em nossa sociedade

Em nosso país a prioridade do econômico (tão característica da modernidade) deu-se de modo muito distanciado das outras dimensões que compõem o ser humano. O crescimento econômico excluiu grande parte da população dos bens de produção, reduzindo-a à marginalidade ou condenando-a ao desemprego estrutural. Os interesses econômicos ditam as normas na organização política da Nação, atropelando ou provocando decisões políticas que não atendem à maioria da população. O empobrecimento do povo não é algo casual, mas fruto de omissões políticas e econômicas. Os MCS têm desempenhado papel decisivo na manipulação da opinião pública e no direcionamento das decisões políticas em favor dos detentores do poder econômico. Ao mesmo tempo em que divulgam os ideais da modernidade, têm sido veículos propagadores do individualismo e do consumismo, agredindo, às vezes violentamente, a moral e a cultura do povo. O predomínio do econômico gerou também a secularização. A religião não é mais o eixo da referência da sociedade. Junto aos valores positivos da secularização, aparecem alguns problemas-desafios: a desintegração da uniformidade religiosa; o deslocamento das preocupações religiosas tradicionais para as dimensões éticas do cristianismo; a privatização da religião; o avanço das seitas; o declínio do catolicismo; a debilitação da identidade confessional⁸.

Na formação presbiteral, não se pode fugir a essa percepção. A modernidade é boa, mas tem provocado mudanças profundas na sociedade brasileira. Sobre tudo no campo religioso, onde nos debatemos como evangelizadores. Não se pode, pois, estudá-la abstratamente. Nem só pela ótica da filosofia e da teologia. Há que levar em conta todo o dado social, político, econômico e religioso da realidade. A inserção na Igreja particular, o conhecimento de sua realidade e de seus desafios pastorais muito contribuirá para essa percepção (ver PDV 31-32).

4. A necessidade de uma nova espiritualidade

Os tempos modernos abriram ao espírito do século. No que diz respeito à vida espiritual, Lutero acabou com o convento, Calvino valorizou o trabalho, Trento deu nova orientação à administração da Igreja católica, Inácio de Loyola introduziu o espírito da presença no meio dos acontecimentos do mundo. Mas faltou resolver satisfatoriamente a questão da liberdade de consciência. A teologia não conseguiu superar o problema da autoridade que decide de fora e de cima sobre a vida e a subjetividade do indivíduo. A espiritualidade se tornou de tal modo institucional e ritual que ao indivíduo nada restava a não ser introjetar, de modo intimista, a espiritualidade coletiva. Não haveria lugar para a convicção da pessoa. A ênfase de Bonhoeffer, Mounier e Berdiaev sobre a dimensão comunitária do espírito humano chegou tarde⁹. Hoje, estamos diante de um momento novo. Há uma nova emergência da espiritualidade, não como regres-

⁸ Cf. CNBB-CNC, *Os desafios...*, nº 20-42.

⁹ Cf. SANTA ANA, "Teologia e modernidade", 190ss.

são ao intimismo, mas como nova síntese que impõe refletir seriamente sobre as características fundamentais da espiritualidade cristã num mundo plurirreligioso.

A formação presbiteral deverá possibilitar aos formandos conhecer as buscas atuais de espiritualidade (movimentos, seitas, orientalismos, religiões ligadas à natureza, misticismos); entender a espiritualidade cristã, por um lado como caminho de liberdade, de escolha e conversão pessoais, por outro como chamado à práxis e à militância, no seguimento de Cristo; entender a espiritualidade cristã como experiência do Deus de Jesus Cristo, como processo de cristificação da pessoa; celebrar o Deus da vida, na Palavra e nos Sacramentos, redescobrimdo a dimensão da ritualidade e da relação entre história e escatologia; facilitar o uso da liberdade na responsabilidade, o amadurecimento da consciência, a experiência adulta da fé¹⁰.

5. O lugar da teologia no âmbito científico

O presbítero é, mais que os outros cristãos, um teólogo. Mas qual seu lugar no mundo moderno? Haverá lugar para a teologia no mundo da ciência? A identidade pessoal do presbítero alia-se assim à questão da identidade científica da teologia. Diante da modernidade, a teologia veio-se afirmando inicialmente como teologia natural (discurso sobre a natureza de Deus, do homem e do mundo), em seguida como teologia liberal (discurso sobre o sentimento religioso, ciência da religião), depois como teologia dialética (teoantropocêntrica, discurso sobre a Palavra de Deus, diferente mas não oposta às ciências exatas, naturais e humanas). Hoje se salienta o dado interdisciplinar da teologia, no encontro com as outras ciências. Talvez seja o caso de vê-la não propriamente como ciência (no sentido objetivo!), mas como hermenêutica, como exercício de interpretação.

Na formação presbiteral, o formando precisa tomar consciência de que a teologia é um serviço à comunidade eclesial, constantemente chamada a reverter-se, reformar-se, referir-se à tradição original, à práxis de Jesus de Nazaré, aos primeiros tempos da vida da Igreja, conforme consta nas Escrituras. Mais do que soma de conhecimentos (como se dá com as ciências!), a teologia é, portanto, exercício de interpretação (hermenêutica) da vida da Igreja de ontem e de hoje. O futuro presbítero deverá encontrar a sua identidade pessoal e vocacional como intérprete da Palavra de Deus e das suas ações na história dos homens¹¹. Ele "deve ser o primeiro a desenvolver uma grande familiaridade pessoal com a Palavra de Deus. Não lhe basta conhecer o aspecto lingüístico ou exegético, sem dúvida necessário. Precisa de se abeirar da Palavra com o coração dócil e orante, a fim de que ela penetre a fundo nos seus pensamentos e sentimentos e gere nele uma nova mentalidade — 'o pensamento de Cristo'" (1 Co 2,16) (PDV 26).

¹⁰ Cf. CNBB, *Sociedade brasileira...*, 90ss. Ver PDV 19-33, que trata da vida espiritual do presbítero.

¹¹ Cf. SANTA ANA, "Teologia e modernidade", 193ss.

6. A opção pela classe trabalhadora

A modernidade criou um novo sujeito histórico, a burguesia. Ao místico medieval, apaixonado com a essência e a transcendência, sucedeu novo tipo de ser humano, arraigado no mundo, conquistador do espaço e do tempo, calculador do futuro, a partir de sua contabilidade presente: o burguês. Mas, de outro lado, a modernidade criou também, quase que como filho bastardo, outro sujeito histórico e social: o trabalhador, aquele que se ergue contra a burguesia, buscando novas relações com a natureza, afirmando que o conhecimento se manifesta através de práticas transformadoras. Na esteira do próprio movimento moderno, a teologia e a pastoral da Igreja têm preferido dar mais importância à burguesia. Mesmo em sua Doutrina Social, ao defender o lugar do trabalho, a Igreja quase sempre o fez a partir dos interesses da burguesia. Não se reconheceu o dado real da luta de classe (por medo de cooptação ao marxismo). De certa maneira, perdeu a classe trabalhadora. Hoje se exige que a teologia e a pastoral se interessem pela realidade do mundo dos trabalhadores, uma realidade não harmônica, mas conflitiva e violenta. "Do seu ponto de vista, a justiça deixa de ser princípio moral para transformar-se em necessidade vital. O valor deixa, então, de ser subjetivo para adquirir conteúdo objetivo nas (diversas) reivindicações" (*Julio de Santa Ana*). Quando hoje a teologia insiste sobre o valor do trabalho, encontra-se no mundo da modernidade. Mas é preciso reconhecer que o trabalho humano, que pode ser fator de realização pessoal para alguns, é elemento de alienação e dor para muitos. Esse segundo motivo não aparece numa teologia elaborada em função e a partir da burguesia¹².

Na formação presbiteral, é preciso ter em conta em primeiro lugar a origem dos seminaristas, quase todos provindos de famílias trabalhadoras, agricultores ou operários ou servidores públicos. Num segundo momento, — é o que, aliás, salienta João Paulo II —, deve ficar clara a opção pela classe trabalhadora, pondo-se ao lado dos mais débeis, tornando-se solidário com os seus esforços pela construção de uma sociedade mais justa, buscando ser sensível e capaz de compreensão e discernimento dos fenômenos que dizem respeito ao aspecto econômico e social da vida, promovendo a opção preferencial pelos pobres (PDV 30). Num terceiro momento, como mais adiante se verá, não se pode permitir a ausência do formando do mundo do trabalho.

7. A dessacralização da economia

O desencantamento que se verificou durante a modernidade ainda não terminou. Pelo contrário, no âmbito da economia, houve um retrocesso: trocou-se o sacral do religioso pelo sacral do econômico. Existem, no mundo da economia, aspectos que são intocáveis, sagrados, tabus. Atacá-los supõe ato de sacrilégio que vai contra a própria estabilidade social. Há um conjunto de cren-

¹² Cf. SANTA ANA, "Teologia e modernidade", 197ss; L. C. SUSIN, "'O trabalho é o pai do homem'? Elementos para uma antropologia do trabalho", *Cadernos da ESTEF* 7 (1991) 5-18.

ças e leis, templos e deuses, sacrifícios e mediações, que desafiam a pastoral e as teologias cristãs. "É o desafio da idolatria da existência de falsos deuses que dominam a vida de muitos homens e mulheres num mundo que pretende ser altamente secularizado" (*Julio de Santa Ana*). O espírito moderno, seja burguês, seja proletário, é altamente idolatrizado e idolatrante. A teologia e a pastoral devem ser libertadoras da opressão desses ídolos, devem chamar constantemente a viver na fidelidade ao Deus da vida, um Deus feito carne, humano, trabalhador, pobre, um Deus que tomou posição diante dos abusos e usos indevidos do poder em mãos dos dominadores. O teólogo e o pastor se tornam, portanto, militantes, não acadêmicos, mas intelectuais orgânicos, participando das lutas de nosso tempo e tomando partido.

Na formação presbiteral, onde está quase que totalmente ausente o mundo da economia (trabalho, finanças, administração, etc.), há muito o que fazer para que nossos formandos se tornem modernos. Se não se entra nesse mundo, cai-se numa falsa neutralidade, faz-se uma opção ingênua e inconsciente (e por isso mais perigosa e nefasta) pela classe que domina a economia hoje. A dessacralização da economia do pastoreio do futuro presbítero.

II. Valores e desvalores da modernidade na formação teológica e pastoral dos futuros presbíteros

1. Os valores da modernidade na formação presbiteral

A cultura moderno-contemporânea se caracteriza por um sem número de aspectos, não facilmente integráveis entre si, nem nitidamente separáveis e excludentes. Mas alguns desses aspectos são tão acentuados que saltam à vista, a ponto de se tornarem lugar-comum na identificação e no estudo da modernidade. Veremos agora como alguns destes aspectos, considerados à luz do evangelho de Cristo, são valores que devem ser aceitos pelo cristianismo¹³. Muitos deles, aliás, provêm do próprio húmus da mensagem bíblica. Tendo sido esquecidos ou até rejeitados no regime de cristandade, ou combatidos no primeiro afã do racionalismo modernista, foram recalçados até a submersão, e agora ressurgem quais novos veios da água viva do Evangelho. Ao apresentarmos estes valores, veremos também como podem e devem ser assumidos na formação presbiteral.

a) *O espírito científico.* É próprio da modernidade a objetividade, o espírito crítico, a vontade analítica, o domínio da natureza, o espaço aberto para a materialidade. Tudo isso contrasta com o fundamentalismo, o tradicionalismo e o fideísmo, que marcaram fortemente e ainda marcam a visão religiosa do homem e do mundo. Não contrasta, mas difere, complementando, do sentido

¹³ Cf. COMBLIN, "O cristianismo e o desafio...", 214-238.

da sabedoria, da busca da espiritualidade, da volta às fontes, do retorno aos valores da tradição, dimensões humanas que são tanto melhor recuperadas quanto mais se abre lugar para o espírito científico. Estes valores da modernidade são valores simplesmente humanos e encontram fundamento na primeira página da Bíblia, em Gn 1 e 2: o ser humano tem por missão dominar o mundo. Já aí, pelo anúncio da fé criacionista, teve início o processo de secularização, de desdivinização da natureza, de dessacralização do mundo, de mundanização das relações políticas (teocracia) e sociais (sexualidade, doenças). Também com a encarnação de Jesus, anunciada nos Evangelhos e nas Cartas Paulinas, se deu a dessacralização do culto discriminatório dos judeus, substituindo o código de separação pelo da solidariedade. Mais ainda, a fé escatológica relativiza a Igreja (e o regime de cristandade por ela instaurado), o mundo (e o regime do positivismo desumano agora dominante) e até mesmo a consciência cristã (sempre chamada a escolhas históricas e situadas)¹⁴.

Na formação presbiteral, este valor poderia ser assimilado de modo mais abrangente do que vem sendo feito até agora. A formação dos nossos futuros presbíteros ainda se ressentem do apego à tradição, da fixidez das normas, da uniformidade no processo. Algumas pistas poderiam ser abertas para a educação à compreensão da pluralidade das dimensões do homem e do mundo. Poder-se-ia, por exemplo, incentivar os seminaristas ao estudo das ciências da modernidade. Em vez de exigir que todos sigam o mesmo caminho acadêmico (segundo grau, filosofia, teologia), por que não abrir a possibilidade de que alguns dinamizem suas tendências pessoais para o estudo de outras ciências? A Igreja precisa de pessoas que entendam de ciências humanas. Aqui poderíamos citar pelo menos as que fazem mais falta no quadro dos recursos humanos com que se pode contar na ação pastoral: história, sociologia, economia, política, direito, comunicação, jornalismo, pedagogia, psicologia, parapsicologia, informática, computação, etc. Sem contar com a possibilidade até de estudos das ciências da natureza. As ciências do homem, "embora sejam do âmbito bem preciso das ciências positivas ou descritivas, ajudam o futuro sacerdote a prolongar a 'contemporaneidade' vivida por Cristo" (PDV 52). Padres que fossem, além de pastores, também doutores, professores ou especialistas nestas ciências, viriam enriquecer o quadro humano da Igreja, dariam grande contribuição à organização pastoral e garantiriam a presença da Igreja em postos-chave da sociedade: universidade, política, ciência, MCS, etc.

Além do estudo destas ciências, o próprio processo formativo poderia ser realizado de modo mais científico e objetivo. Nossa formação ainda padece do subjetivismo e de voluntarismos vários. Depende da vontade do formador, muitas vezes não preparado para sua missão, da opção do bispo, nem sempre atinente com as reais urgências e desafios da formação presbiteral dos seus seminaristas. Quase sempre se dá de forma aleatória, sem elaboração de objetivos claros e precisos, sem projetos definidos. Até mesmo a orientação dos formandos

¹⁴ Cf. G. BARBAGLIO, *A laicidade do crente*. Interpretação bíblica, Aparecida, Santuário, 1991.

carece de maior objetividade: aplicação de testes vocacionais, abordagem psicológica, exigência de que ele elabore seu projeto de vida, etc. Enfim, ao lado do valor dado ao sentido das novas experiências e junto com o espaço que se quer abrir para a afetividade, haverá lugar para a racionalidade.

O próprio estudo da teologia não poderá continuar baseando-se nos empirismos e "achismos" de ocasião, como muitas vezes acontece. Na ânsia de ser popular, de atender às urgências, de criticar os academicismos inúteis, ou mesmo só no interesse de acompanhar as ondas do momento, o que se faz muitas vezes é nivelar por baixo o estudo e o ensino da teologia. Passa a valer, mais do que a verdade, o peso dos subjetivismos de professores e alunos, a força de determinadas tendências, o brilho de certos assessores-estrelas. Sem cair no objetivismo árido, — impossível, aliás, na abordagem do Mistério —, a teologia latino-americana e brasileira precisa ser mais científica: o uso contínuo das fontes da Escritura e da Tradição, o julgamento crítico das tendências, a distinção entre fé e ideologias, o conhecimento e uso adequado do método teológico e da hermenêutica bíblica, a atualização dos métodos didáticos e pedagógicos, "o respeito escrupuloso pela própria natureza da teologia", "a instância permanente e fundamental da relação fé-razão", "a relação entre o rigor científico da teologia e o seu objetivo pastoral", etc. (PDV 51-56).

b) A ética da materialidade da vida. A cultura moderno-contemporânea é marcada, em sua reflexão, pelo rigor do pensamento, pela humildade diante dos fatos observados, pela submissão aos dados, pelo controle dos desejos pessoais do cientista, pela coragem e audácia diante dos riscos. Isso tudo porque não se tem mais medo do mundo material; pelo contrário, tem-se simpatia por ele. Essa ética é bem diferente do espírito prometéico e faustiano, da prepotência, da vontade de poder, que têm caracterizado o comportamento de muitos homens de ciência. Ainda mais quando a ciência e a técnica passaram a ser manipuladas pelos homens de poder. A aliança entre razão e poder, como estrutura subjacente da sociedade moderna, tem provocado danos mortais à história da humanidade. A razão tem-se tornado racionalismo; o poder virou dominação e violência¹⁵. São desvirtuamentos passíveis de correção. Tanto mais quando se sabe de cientistas que cumprem o seu trabalho como uma missão em favor da vida e de condições de mais vida para todos. Esta ética encontra seus fundamentos na Escritura, que fala da materialidade da vida, defende os valores materiais e pede respeito pela natureza.

Na formação presbiteral, a ética científica da materialidade poderia ser melhor trabalhada em dois pontos: na economia e na ecologia. Será necessária uma educação para a materialidade. O espiritualismo pesa ainda muito sobre nós. Não sabemos trabalhar com a matéria, com o mundo dos bens, das riquezas. O sentido da pobreza, da comunhão dos bens, da partilha, do trabalho, do exercício do poder, tem peso muito fraco em nossa formação. Falta o senso de

¹⁵ Cf. L. BOFF, "Ainda a teologia do cativo: a estrutura da modernidade", em L. BOFF, *Teologia do cativo e da libertação*, Petrópolis, Vozes, 1980.

realismo e o sentido da realidade. Somos por demais espiritualistas e idealistas; não respeitamos a realidade material como ela objetivamente se nos apresenta. Falta-nos a humildade para reconhecer o mundo material e o seu peso sobre a nossa vida espiritual. Nosso mundo é muitas vezes outro que o dos trabalhadores, pobres, favelados...¹⁶ Haverá também que se encaminhar uma educação para a ecologia: uso e contemplação da natureza; defesa dos bens da criação, em consonância com o progresso, sob o critério da vida para todos, sobretudo para os pobres; presença da vida criada nas celebrações litúrgicas. Tudo isso, integrando as tradições manifestativa (a criação como sacramento) e proclamativa (a criação como lugar de salvação), que interpretam a fé bíblica na criação e seu uso pelo homem¹⁷.

c) *A importância da individualidade.* É próprio da modernidade a ruptura com a sociedade massiva, autoritária, do passado. O sentido da pessoa, a emergência do sujeito, a declaração dos direitos humanos, o espaço dos direitos individuais, caracterizam a modernidade. A dimensão da individualidade, tão própria do ser humano, único e irrepetível diante de Deus, faz parte da boa nova cristã, tanto na Escritura como na Tradição. Desde os primeiros concílios, por ocasião das controvérsias cristológicas e trinitárias sobre a pessoa de Jesus Cristo e cada uma das pessoas trinitárias, foi-se definindo o sentido da pessoa humana. Na Antiguidade, a pessoa humana era definida pela identidade própria, irrepetibilidade e unicidade. Na Escolástica, pela incomunicabilidade do seu mistério. Na Modernidade, pela interioridade de si e relacionalidade com os outros. Infelizmente, na época moderna a individualidade se mescla com o individualismo egoísta e fechado que termina na coisificação do homem, nos materialismos de diversos matizes, na liberdade liberal do capitalismo (onde o que vale é a coisa e não a pessoa), ou, por inversão, no anonimato e na massificação das sociedades que entregam o homem ao sistema, ao Estado ou à mentalidade pública.

Na formação presbiteral, o sentido da individualidade há de se fazer presente toda vez que se buscar um acompanhamento personalizado do formando, tanto espiritual quanto psicológico. É preciso evitar um estilo de formação marcado pela uniformização de valores e tendências, de leis e horários. Nessa orientação, há de oferecer-se ao formando condições para a educação de sua personalidade, a fim de que possa ir definindo sua identidade pessoal, não limitada ao âmbito egoístico, mas relacionada com Deus, com os outros, com a natureza criada. "Não só para uma justa e indispensável maturação e realização de si mesmo, mas também com vista ao ministério, os futuros presbíteros devem cultivar uma série de qualidades humanas necessárias à construção de personalidades equilibradas, fortes e livres, capazes de comportar o peso das responsabilidades pastorais" (PDV 43). Esta identidade pessoal ele haverá de buscar na volta às fontes de sua tradição familiar, no reencontro com sua comunidade

¹⁶ Sobre a importância do trabalho na formação presbiteral, com análise da realidade e propostas de ação, ver meu artigo em *Encontros Teológicos* (Revista do ITESC) 9 (1990) 18-23.

¹⁷ Cf. A. GARCÍA RUBIO, *Unidade na pluralidade*, São Paulo, Paulinas, 449ss.

pastoral, no encontro pessoal com Deus, na liberdade responsável para experimentar sua juventude, na liberação amadurecida dos seus recalques, nas opções evangélicas e pastorais que conduzem à generosidade e à doação em favor dos mais pobres. "Não se pode esquecer, finalmente, que o próprio candidato ao sacerdócio deve ser considerado protagonista necessário e insubstituível na sua formação. Toda e qualquer formação, naturalmente incluindo a sacerdotal, é no fim das contas uma autoformação" (PDV 69).

No seminário, mais ainda quando de teologia, que "se apresenta como um tempo e um espaço, mas configura-se sobretudo como uma comunidade formativa em caminhada" (PDV 60), o formando deverá também aprender a conviver com o diferente de si, a reconhecer a diversidade de etnias, tradições, expressões religiosas, tendências teológicas, opções pastorais, etc., a fim de que possa perceber que a pluralidade só se dá na singularidade e vice-versa. Pluralidade sem singularidade é pluralismo caótico, anárquico, massivo, lavagem cerebral, maria-vai-com-as-outras. Singularidade sem pluralidade é egoísmo e individualismo, sempre tendentes ao autoritarismo¹⁸.

d) *A busca da felicidade.* No mundo moderno, ganha sentido a vida terrena, o gozo dos bens materiais. Alcança-se a liberação de um espiritualismo vazio que apontava sempre para o além. Não há mais espaço para uma religião marcada pelas três chantagens: o infinito, que diminui o homem finito; a culpa, que rebaixa o homem pecador; a morte, que abate o homem material. É o fim do dogmatismo repressor e desmancha-prazeres da cristandade que tudo sabe, tudo tem, tudo pode e tudo faz. A busca da felicidade não se dá necessariamente pelo consumismo e hedonismo, tão anti-humanos e anti-evangélicos, dos dias atuais. Ao contrário. A busca da felicidade não está em contradição com o Evangelho. O Reino de Deus é paz e felicidade.

Na formação presbiteral, há que se dar espaço para a alegria da vida, a gratuidade no serviço, a dinâmica das festas e celebrações, a religiosidade popular festiva. É preciso recuperar do Antigo Testamento a alegria do povo peregrino, seus encontros litúrgicos, romarias, danças, banquetes. Do Novo Testamento, o anúncio da Ressurreição. O padre do futuro deverá ser um entusiasta do Reino e pelo Reino. Caras amarradas, sisudas, não atraem os homens de hoje. A renúncia pelo Reino, expressa no celibato, na pobreza e na obediência, deverá ser anunciada pelos formadores e apreendida pelos formandos na ótica da felicidade, da realização pessoal, do serviço, "na fidelidade e na alegria" (PDV 44 e 50). O celibato do solitário, a pobreza do relaxado e a obediência do recalcado não são próprias do cristianismo. São desvios que contratemunham a alegria de Cristo.

e) *A emancipação política e social.* Na modernidade, aparece a democracia, o contrato social, a participação do povo no poder, a dessacralização da autoridade, a dessacralização da propriedade feudal. Cria-se o espaço para a liberdade

¹⁸ Para todo este item, cf. PDV 43-44, que trata da formação afetiva dos futuros presbíteros.

individual diante dos poderes do clero, da nobreza, do Estado. Tudo isso vem se contrapor aos absolutismos das monarquias, da cristandade, aos totalitarismos de direita e de esquerda. Isso é diferente de capitalismo, que, em si, não pertence à essência da modernidade, ao menos na sua versão selvagem e mortífera. Também não se refere ao anticlericalismo dos que sempre vêem a Igreja aliada aos poderes do mundo. Ao contrário, a democracia política e social muito se assemelha ou ao menos se inspira e lembra a dinâmica da Igreja-comunhão do evangelho paulino. Igrejas livres, comunidades unidas, onde cada membro, na sua diversidade, colaborava para o bem de todo o corpo.

Na formação presbiteral, a aceitação desses valores levará à educação para a diversificação dos ministérios, pela qual o padre não será mais o detentor do poder mas o animador de ministérios, vocações e serviços (cf. PDV 59). O formando aprenderá desde cedo que o exercício da autoridade se faz como serviço, não como privilégio. Essa educação poderá ser alcançada quando na comunidade formativa os diversos serviços são distribuídos entre todos. Igualmente, quando se aprende a fazer, no grande grupo ou em pequenas turmas, a correção fraterna. Mais ainda quando, de modo geral, toda a comunidade é entendida pelo formador e se entende a si mesma como comunidade formativa, onde cada um é responsável por todos e todos por cada um. Haveria aqui ainda espaço para o estudo conjunto dos documentos eclesiais que dizem respeito à formação (Vaticano II, Santa Sé, CNBB, OSIB).

Esses valores serão ainda assumidos toda vez que, na formação, houver espaço para o conhecimento da realidade social, política, econômica, histórica e cultural da Igreja local e nacional. Isso será alcançado por tempos programados para o estudo da realidade, a análise de conjuntura, a leitura-assistência conjunta e crítica dos MCS, a presença nos grandes eventos políticos da cidade e nos movimentos populares, a elaboração de cartilhas políticas, etc.

Para adequar-se aos valores da modernidade, sobretudo o pilar da formação pastoral dará a sua contribuição. Ela deverá abranger o leque mais amplo possível: a pastoral urbana, articulando centro, periferias e zona rural; as pastorais específicas, relacionando as dimensões mais propriamente intra-eclesiais (catequese, vocações, missões, liturgia, etc.) com as dimensões extra-eclesiais (terra, operários, índios, negros, política, MCS, etc); a presença nos organismos eclesiais, integrando CEBs e Movimentos leigos de classe média; a experiência da fraternidade presbiteral, antecipada em encontros freqüentes com o bispo e o clero da própria diocese¹⁹.

2. Os contravalores da modernidade na formação presbiteral

Mas nem tudo são flores e frutos da modernidade. Na ambigüidade dos seus valores, há muitos que, na ótica do Evangelho de Cristo, são contravalores, que estão em contradição com a realidade de Deus e do homem, o anúncio do

¹⁹ Para todo este item, cf. PDV 57-59, que trata da formação pastoral dos futuros presbíteros.

amor, da vida, da verdade. São, com efeito, subprodutos da modernidade, não de sua essência; por isso perfeitamente evitáveis. Daí a necessidade de irmos destrinchando-os, individualizando-os, no novelo da modernidade, para enfrentá-los e diminuir-lhes o poder com a força da Palavra da vida de Cristo. É importante o conhecimento e a interpretação da situação. Mas para quem crê, esse conhecimento e essa interpretação encontram "o princípio cognoscitivo e o critério das opções operativas conseqüentes numa realidade nova e original, ou seja, no discernimento evangélico" (PDV 10).

a) *A desestruturação da cultura.* É característico da modernidade o desenraizamento cultural. Fala-se até em anticultura. Fragmenta-se a realidade, para aceitar dela só o que é imediatamente aprazível aos sentidos. Cria-se uma espécie de hibridismo cultural, presente nas expressões religiosas, nos MCS, nas opções comportamentais. Sem fundamento histórico-cultural, essa fragmentação levará à formação de uma mentalidade única e global que satisfaça a todos. Cai-se numa uniformidade que beira ao uniformismo: um só mercado, um só capitalismo, uma só aldeia global, uma só mentalidade, uma só moda, um só produto. Não contam a pessoa e os valores que a promovem e defendem. Passam a contar os bens materiais. O uso da técnica é comandado pelo funcionalismo, pragmatismo, não por valores humanos. Há o relativismo dos valores. Pede-se mais quantidade, produção, em detrimento da qualidade. A desestruturação da cultura não condiz com a busca de uma cosmovisão em que a unidade acontece a partir da aceitação das diversidades, em que os valores sejam estáveis, em que o homem, na sua pluridimensionalidade, seja o critério de toda escolha. Enfim, não condiz com o Evangelho de Cristo.

Para fazer frente a este subproduto da modernidade, a formação presbiteral deve prever a possibilidade de os formandos conhecerem e assumirem a cultura popular, nas suas mais variadas expressões (religiosidade popular, folclore, mentalidade, etc.), buscando, pelo processo de inculturação, valorizar o que é humano e evangélico e purificar o que nelas venha a ser desumano e anticristão. Os formandos "terão necessidade de caminhos adequados de formação, seja para superarem o perigo de serem menos exigentes e de desenvolverem uma educação por demais superficial dos valores humanos, cristãos e sacerdotais, seja para valorizarem os elementos bons e autênticos das suas culturas e tradições" (PDV55). Isso se fará pela inserção nas classes populares, pelo trabalho pastoral, pelo estudo da missiologia.

Além disso, é preciso considerar a própria modernidade como uma expressão cultural. Há que se evangelizar a modernidade, num processo de inculturação diferente daquele instaurado para a evangelização das sociedades e culturas ligadas a fatores étnicos, dos povos e nações geograficamente situados na periferia da história eurocêntrica. A cultura moderno-contemporânea é planetária. "Muitos dos seus valores são de extração cristã, mas foram desvirtuados ou pervertidos na marcha da história. É importante restabelecer-lhes a inspira-

ção evangélica e corrigir, reorientar ou transcender os postulados desta cultura, dando-lhe o sentido que ela perdeu ou nunca atingiu"²⁰.

b) *O problema do modernismo.* Junto com a modernidade, surge também o movimento filosófico-teológico chamado de modernismo, que se caracterizava pela crítica radical do sistema moral da cristandade, pela crítica bíblica racionalista, pelo anticlericalismo, pelo antidogmatismo. A Igreja conheceu a modernidade por essa face negativa, reagindo com diversos documentos e atitudes antimodernistas. Por causa de seu radicalismo, o modernismo não permitiu ver que seu bojo havia todo o dado positivo das teologias dos tempos modernos: da secularização, da política, da revolução, da libertação. Em todas elas, está também presente a crítica. Mas não se trata mais de uma crítica puramente racionalista e sim de uma crítica sã, que busca a libertação das heranças do paganism, da cristandade, do colonialismo.

Para não se cair na visão da modernidade só em sua expressão negativa de modernismo racionalista, a formação presbiteral deverá prever o estudo crítico de todas as correntes teológicas da atualidade, tanto da Europa como da América Latina. Não se poderá cair numa crítica estéril do modernismo. Assumindo o espírito crítico como meio e não como fim de todo estudo e diálogo, o presbítero de hoje e de amanhã terá espírito aberto a tudo, tudo apreendendo e retendo o que é bom. No estudo da Escritura, da Patrística, da Escolástica, saberá usar dos instrumentos científicos da lingüística, da história, da simbologia, sem cair no racionalismo. Saberá usar da razão para fortalecer sua fé e anunciá-la com eficácia aos homens de hoje. Não ficará preso aos esquemas puramente religiosos, continuando a fazer perguntas só no âmbito da fé, mas será um homem da modernidade: fará perguntas para a fé desde os mais diversos âmbitos. Sua razão será pluridimensional: filosófica, científica, política, histórica, lingüística, literária, sociológica, sexológica, psicológica, revolucionária, etc. Saberá encontrar no depósito da fé as respostas a todas as perguntas que se fazem os homens de hoje, sobretudo àquelas que tocam o significado da própria existência. Mas, mais que isso, não fará perguntas só do âmbito da fé ou só do âmbito da razão. Saberá formular perguntas da própria prática à fé. Será um homem prático, pastoral, que buscará não só o entendimento da realidade mas a sua transformação²¹.

c) *A alienação e o anti-humanismo.* O tiro sai pela culatra da modernidade. Procurando humanismo, dos mais variados matizes, o homem moderno vê, na verdade, a destruição do sentido do homem e de sua existência, a deterioração da pessoa e da sociedade, a destruição da natureza, o capitalismo selvagem e mortífero. Cria-se uma cultura de morte, denunciada por João Paulo II, na *Christifideles Laici* (nº 38). Na América Latina e no Terceiro Mundo em geral, a modernidade gera a existência de não-homens.

²⁰ M. AZEVEDO, *Entroncamentos e entrechoques*. Vivendo a fé em um mundo plural, São Paulo, Loyola, 1991. Cf. ID., *Modernidade e cristianismo. O desafio da inculturação*, São Paulo, Loyola, 1981.

²¹ Cf. J. B. LIBANIO, *Teologia da Libertação*. Roteiro para estudo, São Paulo, Loyola, 1989, 83-101.

A formação presbiteral enfrentará essa alienação, anunciando uma antropologia relacional e solidária, marcada pela afetividade com Deus, com os irmãos, com a natureza criada. Nessa antropologia, o pobre será o critério fundamental. Nele se há de ver a grande alienação que Deus não quer para o homem. Alienado da vida e das condições de vida, alienado da participação social, alienado dos meios de produção e dos bens de consumo, o pobre é o primeiro afetado pela desumanização dos tempos modernos. Corre o risco de se tornar alienado também dos valores da fé, se deixar que os fundamentalismos conservadores das seitas, os comodismos medrosos de homens da Igreja e as idolatrias do mercado capitalista tomem conta de sua vida, na tentativa enganosa e imediatista de satisfazer-lhes as necessidades vitais. No pobre se há de recuperar o sentido do homem novo. Na opção solidária e evangélica pelos pobres, o presbítero de hoje e de amanhã aprenderá a ser gente: sensível à vida que definha, protetor dos indefesos, plenamente relacionado com todas as pessoas, a partir daqueles que vivem situações desumanas que não lhes permitem ser pessoas.

d) *O ateísmo: a rejeição de Deus.* A vontade de orgulho total, a *hybris*, o espírito luciferino, levaram o homem moderno à negação de Deus. Para se afirmar o homem, julgou-se necessário abolir seu suposto rival. Esse tipo de decisão marca profundamente nossa época como a primeira que ousou descartar a Deus. Isso tem gerado todo um conjunto de deteriorações: destruição do próprio humanismo, corrupção do pensamento, puro hedonismo moral, anarquia social, espírito de rebelião permanente, incapacidade de paz e harmonia. Não se pode, contudo, ver nessa característica da modernidade algo assim como uma pura vontade de contrariar o cristianismo, como se nossa época fosse marcada por uma hostilidade intrínseca entre o mundo e cristianismo. Houve quem quisesse ver nas Revoluções Francesa e Russa (cada uma a seu tempo e com seus acentos) uma rebelião contra Deus. Em nossa época estaria acontecendo uma manifestação apocalíptica do Anticristo, uma encarnação das forças das trevas. A partir do Vaticano II, uma nova perspectiva se instaurou para a compreensão e o enfrentamento do ateísmo. Diante do ateísmo, os cristãos não podem ficar numa atitude de ataque ou defesa. É preciso considerar que também nós somos culpados do ateísmo, pela omissão ou falha no anúncio do Deus verdadeiro (GS 19). É necessário estabelecer o diálogo com os não-crentes, a partir do que neles é considerado opção fundamental pelo homem, pela vida. Na América Latina, mais do que o ateísmo o problema é a idolatria. Adoraram-se ídolos que exigem vítimas. Seus adoradores se tornam promotores de morte. Para cultuar seus deuses (o capital, o dinheiro, o mercado, o sexo), criam leis com peso de absolutismo (as leis do capitalismo), erigem templos (os bancos e bolsas de valores, os motéis e boates), oferecem sacrifícios (a recessão, o arrocho salarial, as vítimas das drogas e da AIDS), inventam mediações (ocultismos, magias, esoterismos), estabelecem sacramentos (os banquetes consumistas de Natal e Páscoa, do Dia das Mães e dos Pais). Nessa nova religião, as vítimas dos falsos deuses serão sempre os pobres. São deuses da morte que tentam manter em andamento o processo em que condenam e sacrificam o Deus da Vida.

Na formação presbiteral, o ateísmo e a idolatria hão de ser enfrentados pelo incentivo a uma viva e pessoal experiência de Deus, como Deus da Vida. Uma espiritualidade marcada pelo seguimento de Jesus, pela atualização de sua prática, pela compreensão do seu martírio como única morte salvadora, exatamente porque desfaz o círculo vicioso do pecado e da morte. Uma espiritualidade que denuncia a existência desses falsos deuses pela prática da austeridade no uso dos bens, pela pureza do culto cristocêntrico aliada à valorização das mediações religiosas do povo, onde o que conta é a religião da vida. Os novos presbíteros não serão nem adoradores nem vítimas da idolatria moderna. Salvarão tanto as vítimas quanto os adoradores (vítimas também eles), anunciando o Deus da Vida.

e) O modo de viver da classe média: o burguesismo. A modernidade é ainda caracterizada pelo burguesismo da classe média, pela concentração do consumo entre os privilegiados, pelo realce e estímulo às sensações imediatas e fortes (sexo, drogas, barulho, viagens), pela dificuldade para o sacrifício e o sofrimento (remédios, psicanálise, esoterismos, religiões novas), pela busca do bem-estar, pela religião de consumo (Igreja eletrônica, seitas). É claro que a modernidade trouxe a democratização das aspirações das elites tradicionais. O que antes era possível só à nobreza, à aristocracia, agora é possível à classe média. O risco está em se ficar por aqui ou, o que é pior, voltar atrás. A classe média está também sendo arrojada. Por sua situação mediana, a classe média tenderá sempre à defesa de seu patrimônio, pelo medo de perder o que alcançou com tanto trabalho. É característico seu o fechamento em seus valores, a construção de muros ao redor de suas casas. Diz-se que a classe média é natural e sociologicamente egoísta. Por outro lado, por ser a classe hegemônica, a que molda a opinião pública, ela estaria mais disponível para opções políticas e sociais que levassem à transformação da realidade.

Na formação presbiteral, é preciso levar em conta a relação com a classe média. Os padres deverão aprender a trabalhar com ela. Há uma década, mostrou-se que os seminaristas do Brasil, quando ordenados, gostariam de trabalhar com os pobres, nos bairros de periferia ou na zona rural. Poucos os que gostariam de trabalhar na cidade, com a gente da classe média. Essa escolha revelava mesmo uma opção pelos pobres? Ou, quem sabe, escondia o medo de se relacionar com o desconhecido? Ou de se relacionar com quem desafiava mais, em termos de conhecimento científico e técnico, de exigência de atualização? Era o medo da cidade? Hoje se reconhece que é na cidade, entendida como o lugar das relações entre o centro, a periferia e o rural, que se pode moldar o mundo, a sociedade e o homem novos.

A aprendizagem da pastoral urbana e o diálogo com a classe média não podem ausentar-se da formação presbiteral atual. A relação com os Movimentos leigos ligados à classe média, o conhecimento de suas formas de agregação social, a presença junto aos seus âmbitos de trabalho e lazer, a abertura de espaços para as contribuições dos leigos dessa classe na organização da estru-

tura eclesial, etc., são outras tantas novas exigências para a formação²². Faz parte dessa formação a compreensão dos novos desafios que se apresentam à sociedade e à Igreja da América Latina: a descoberta de meios que apontem e realizem a utopia mínima (bens materiais para a vida), a utopia média (bens sociais de participação e democracia), as quais, por sua vez, apontem e sinalizem a utopia máxima (o Reino de Deus definitivo); a articulação política das classes populares com o trabalho pastoral junto à classe média, intelectuais, artistas, cientistas e formadores de opinião pública; a abordagem da ecologia de forma holística, em que conta a vida da pessoa, em sua relação com a família, a sociedade e a natureza (*Centesimus Annus*); a referência à materialidade da vida como ponto cardinal de todo anúncio evangelizador; o estudo em ótica libertadora da moral sexual, sobretudo das situações difíceis, como o homossexualismo, relações extra-conjugais, prostituição, etc.; a abertura de horizontes que saiam do círculo fechado e ideologizado do enfoque social e de classe para a compreensão dos dados étnicos, culturais, situacionais, em que apareça o lugar da mulher, do negro, do indígena, da criança, do ecologista, etc.; a atualização diante do avanço acelerado da tecnologia de ponta e da pesquisa científica; o dever ético de resgatar a esperança dos pobres diante de desilusões contínuas oferecidas pelas ideologias de ocasião; a diversificação dos ministérios e a participação dos leigos nas estruturas de poder e de decisão da Igreja²³.

f) *A liberação sexual desumanizante*. Ao mesmo tempo em que, pela busca da individualidade e da felicidade, veio a dar-se mais valor à sexualidade, libertando-a de tabus, aconteceu também com o advento da modernidade uma liberação sexual desumanizante. A busca egoísta do prazer, o uso desenfreado do sexo, a redução da sexualidade ao prazer genital, o abuso do corpo, a violência machista sobre a mulher, o uso da liberação sexual como fator de alienação das dimensões social e política, o embotamento das consciências, etc... vieram desumanizar a dimensão da sexualidade humana. "Assim, a experiência afetiva de muitos jovens resolve-se não num crescimento harmonioso e alegre da própria personalidade que se abre ao outro no dom de si, mas numa grave involução psicológica e ética, que não poderá deixar de ter graves condicionamentos sobre o amanhã dos jovens" (PDV 8).

Nossos seminaristas vêm de um mundo onde tudo isso se lhes apresenta continuamente diante dos olhos. Não se pode desconhecer essa realidade. Sem fazer concessões fáceis, sem ser pusilânime, é preciso contudo enfrentar maduramente a questão da sexualidade na formação presbiteral. A moral tradicional a tem tratado de modo equivocado, na separação alma-corpo, na discriminação do corpo, na suspeita do prazer, na vinculação fechada entre sexualidade e procriação. Por outro lado, tem sido fiel em muitos pontos ao Evangelho da sexualidade. Algumas atitudes são urgentemente necessárias na formação: a compreensão do celibato como doação da própria vida em favor da vida dos

²² Cf. CL. BOFF, "Pastoral de classe média na perspectiva da libertação", *REB* 51 (1991) 5-28.

²³ Cf. Frei BETTO, "A Teologia da Libertação ruíu com o muro de Berlim?", *REB* 50 (1990) 922-929.

irmãos, a relação entre celibato e pobreza, a integração da afetividade e da sexualidade numa personalidade madura, o celibato como exercício efetivo (embora alternativo) da sexualidade, o acompanhamento psicológico do amadurecimento sexual do formando, a presença da mulher (leiga, solteira, casada, religiosa) na formação, a relação entre racionalidade e sensibilidade tanto na teologia quanto na pastoral, a compreensão do peso da vida sexual e da afetividade para a atuação pastoral e política, etc.²⁴.

Conclusão

A aceitação dos desafios da modernidade, o reconhecimento dos seus valores e o questionamento dos seus contravalores são condições primárias para uma formação adequada dos presbíteros para as circunstâncias atuais. Fugir à modernidade é fugir à dinâmica encarnatória do Evangelho, ao processo de inculturação da fé cristã, ao caráter missionário da Igreja, à confiança no poder renovador do Espírito Santo. Diante da modernidade não valem nem perplexidades nem medos.

A fé na presença de Jesus Cristo no meio de nós e na força renovadora do Espírito Santo nos alimenta na esperança de podermos enfrentar com coragem os desafios da modernidade. Será necessário assumir, para redimir, o mundo que aí está, exatamente como ele se encontra, também enquanto espaço do pecado. Jesus pediu ao Pai não para tirar-nos do mundo, mas para livrar-nos do mal. É preciso confiar no poder salvador de Jesus que, com seu sangue apagou o pecado do mundo, com sua morte e ressurreição venceu o mundo.

As dimensões da afetividade, espiritualidade, estudo e pastoral (sem esquecer as outras!), será sempre, por si mesmo, um desafio. Nada está definido, a não ser a imagem em quem se espelhar: Jesus, Bom Pastor que veio trazer vida em abundância para todos. Daqui por diante, tudo está para ser constantemente refeito. As conquistas do passado valem enquanto trampolim para o mergulho no futuro. Será o Espírito do Cristo crucificado pelo pecado do mundo e ressuscitado para a vida do mundo, que estará a nossa frente para guiar-nos nesse processo de encarnação.

Vítor Galdino Feller é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor de Teologia no ITESC (Instituto Teológico de Santa Catarina), em Florianópolis. Publicou: *O Deus da revelação. A dialética entre revelação e libertação na teologia latino-americana*. São Paulo: Loyola, 1988.

Endereço: Rio Branco, 54 — 88160-000 Biguaçu-SC

²⁴ Cf. CNBB, *Sociedade brasileira...*, 80ss.